

Sé de Braga — Desenho de Nogueira da Silva

I

A sé que se ennobrece com o titulo de *primaz das Hespanhas*, é um dos maiores templos do nosso paiz. Acerca da antiguidade do seu actual edificio não ha noticia alguma positiva, ou, diremos melhor, não a temos encontrado. Os nossos escriptores antigos, quando tratavam de algum templo, eram, em geral, minuciosos, e até prolixos na historia e descripção das santas imagens, na instituição, privilegios, rendas das confrarias, e em tudo que dizia respeito ao espiritual. Porém da parte material da egreja pouco se occupavam. Contentavam-se muitas vezes com exaggerar-lhe a grandeza, asseverando ser o templo de que fallavam *um dos melhores que se conhecem*, ou *um dos maiores da Hespanha*. Os nossos proprios antiquarios, salvas poucas excepções, davam preferencia exclusiva em seus estudos ás antiguidades romanas.

A primeira vez que visitámos a sé de Braga, foi por occasião de uma viagem que emprehendemos a diversas terras do reino, com o intuito de estudarmos a historia da architectura em Portugal, nos padrões que os nossos maiores erigiram á sua piedade christã e á gloria da patria. Queriamos estudal-a n'esses livros de pedra, onde o cinzel esculpiu com mais clareza e verdade, que os escriptores com a penna, os passos que o paiz ia dando no caminho da arte e da civilisação.

Similhante estudo era difficilimo para nós, e diremos até, com a mão na consciencia, era muito superior ás nossas forças. Mas ainda mesmo abstrahindo d'esta falta, fica mui difficil, difficil como a saída de um labiryntho, que é, por circunstancias especiaes que se dão entre nós. Peior que a mudez, ou laconismo dos nossos escriptores em taes assumptos, tem sido as convulsões do solo, e as diversas invasões estrangeiras, desde o dominio romano, que nos tem destruido ou arruinado os monumentos, e a ignoran-

cia e mau gosto dos reedificadores, que amalgamaram e confundiram as noções da arte em quasi todos os edificios antigos que reconstruiram.

A nossa tentativa, pois, não passou de um desejo e de um esforço baldado. Apenas d'ella colhemos reconhecer na pratica as difficuldades da empreza.

Dizendo isto, o que pretendemos é mostrar que diligenciando obter noticias ácerca do edificio em questão, consultando varios auctores, pesando as tradições locaes, e confrontando os differentes especimens de architectura que se vêem na cathedral bracharense, achámos completa escuridão na origem d'este venerando monumento, e quasi nenhuma luz nos subsequentes periodos da sua historia até ao seculo XI.

Não permittem os justos limites d'este artigo, nem a indole e economia do jornal comportam, que façamos aqui apparato das razões que nos levaram a formar aquelle juizo, rejeitando algumas noticias escriptas e tradicionaes oppotsas ao que ponderâmos.

II

A *Brachara Augusta* dos romanos não tinha o mesmo assento da actual cidade de Braga. Os vestigios de um amphitheatro, de varios aqueductos, e de muitas outras edificações, encontrados em diversas epochas, e que ainda se observavam, e avultavam na primeira metade do seculo passado, conforme o testimunho de graves auctores que os viram, provam sobejamente que a cidade romana se erguia no logar onde hoje vemos a egreja parochial de S. Pedro de Maximinos.

Sendo Brachara Augusta uma povoação fortificada, no tempo em que o apostolo Sant'Iago n'ella prégou as verdades do evangelho, instituindo a diocese bracharense, e nomeando-lhe por seu primeiro prelado a S. Pedro de Rates, devemos suppor com fundamento plausivel, que a primitiva sé fôra edificada dentro dos muros da cidade. O bispo S. Pedro de Rates foi martyrisado no anno 44 da era de Christo.

Passados pouco mais de tres seculos e meio, romperam os barbaros do norte contra o imperio romano. Roma, a orgulhosa dominadora do mundo, curvou a fronte, a seu turno, e humilhada recebeu o jugo estranho.

Os vencedores, cubiçosos de melhores climas do que os das frigidas regiões d'onde saíram, correram de triumpho em triumpho atravez das provincias do imperio, e só pararam quando o Atlantico lhes embargou os passos. Na sua passagem deixaram bem assignalado por toda a parte o seu odio contra o nome romano.

Brachara Augusta caíu então em poder dos suevos. Será facil julgar da destruição que ahi commetteriam, sendo esta uma cidade mui estimada dos romanos, e por elles favorecida e nobilitada com singulares vantagens e preeminencias.

Feita a conquista, trataram os suevos de consolidar n'ella a nova monarchia, e escolheram Braga para a corte dos seus reis.

Reedificariam para esse fim a velha Brachara, ou fundariam proximo d'ella, e com os materiaes tirados das suas ruinas, a nova cidade? Onde foi o assento primitivo da cathedral? Que mudanças teve de logar; e que reconstrucções se lhe fizeram durante o dominio dos suevos, dos godos, e dos reis das Asturias e de Leão? São pontos da historia escurissimos, em que os escriptores apenas entram por meio de simples conjecturas. Escusando-nos portanto de referir e apreciar algumas opiniões controversas sobre essa materia, por nos parecerem infundadas, diremos que as noticias mais antigas e positivas que temos achado relativamente ao edificio da sé de Braga, são do seculo XI.

Consta de documentos authenticos, que esta cathedral fôra reedificada pelo conde D. Henrique e sua mulher, a rainha D. Theresa, nos fins d'aquelle seculo. Se a reconstrucção foi geral ou parcial não o dizem os documentos. N'esses tempos de costumes singelos, mas rudes de devoção civica, mas de desamor ás letras, não se cuidava de archivar os factos historicos, senão quando algum interesse particular, material ou espiritual, os fazia consignar em escripturas publicas. D'est'arte estes documentos, felizmente então muito usados, vieram a ser para nós as fontes genuinas, onde se podem encontrar a data e o motivo de uma fundação, e o nome do fundador, n'essas eras remotas.

Julgâmos, todavia, que não restam vestigios das obras do conde D. Henrique e da rainha D. Theresa, a não serem, talvez, as paredes exteriores do cruzeiro, e as da capella da Annunciação, e S. Thomaz, onde foram enterrados aquelles soberanos logo depois da sua morte. Se outros existem, serão lanços de parede sem feições caracteristicas.

A provincia do Minho possue diversos monumentos que foram erigidos pelos referidos principes, e que, não obstante as transformações porque tem passado, ainda conservam intactas algumas de suas partes, que são indubitavelmente da fabrica primittiva. Vendo, observando, e comparando com minucioso exame todas essas partes, que apresentam um typo uniforme da arte, concebemos uma idéa muito approximada, segundo se nos affigura, da architectura usada n'aquella epocha em Portugal. Não vimos na sé de Braga feição alguma architectonica que podessemos attribuir ao seculo XI ou XII.

III

Não sabemos quanto tempo durou a egreja do conde D. Henrique. O que vemos é que o vestibulo, que resalta da fachada, correndo por toda a largura d'ella, mostra pelo seu estilo gothico, severo e parco nos ornatos, ser obra dos fins do seculo XIII, quando este genero d'architectura, introduzido no paiz reinando D. Affonso Henriques, se encaminhava para attingir no seculo seguinte a elegancia e perfeição de que é typo o sumptuoso monumento da Batalha.

A porta que dá entrada do vestibulo para o templo revela a mesma origem d'aquelle. Na frontaria da egreja, superior ao vestibulo, está estampado o gosto pesado e triste do seculo XVIII. Edificou-a o arcebispo primaz D. José de Bragança, filho legitimado del-rei D. Pedro II. Como timbre da regia fundação, lá avulta sobre as duas janellas um immenso escudo das armas reaes.

O interior do templo foi por tal modo desfigurado, segundo cremos, por aquella occasião, com estuques, pinturas e doirados, que temos como empreza ardua, senão impossivel, adivinhar-lhe a edade. Todavia, apesar da mascara moderna, parece-nos ser de construcção antiga, posterior á do vestibulo, porém muito anterior á da capella-mór, que é obra do principio do seculo XVI, mandada fazer pelo arcebispo D. Diogo de Sousa.

Na sacristia, no claustro, e nas suas capellas, vê-se a mesma variedade de estilos d'architectura, ora separados, e mostrando uniformidade, ora reunidos e offerecendo á vista o repugnante aspecto de remendos modernos de mau gosto, sobre feitios antigos de fórma esbelta.

IV

Levanta-se esta cathedral no centro da cidade, que por ser plana deixa sobresair e realçar por cima da sua compacta casaria o vulto grandioso d'esse monumento, representante de tantas eras, e venerado por tantas gerações.

A frontaria principal deita sobre uma pequena praça, e tem de altura, desde o pavimento d'esta até á cruz archiepiscopal das torres, cento e dez pés, ou uns trinta e sete metros.

O vestibulo resáe muito do frontispicio do templo, de modo que, sobre a sua abobada de laçaria de pedra, se estende um espaçoso terrado, cercado de grades de ferro. Os tres arcos, dois ogivaes e o do meio de volta redonda, são guarnecidos de brincadas rendas, e fecham-se com portas de ferro, alli postas provavelmente no seculo passado, a julgar pelo seu feitio pesado e desengraçado. Da mesma epocha, talvez, é a balaustrada de pedra que lhe corte pela frente junto ao envasamento do vestibulo, bem como as duas fontes que brotam dos gigantes que dividem os tres arcos.

Adorna-se o vestibulo, na parte superior, com sete estatuas de santos, uma sobre o arco central, e seis mettidas em nichos, a que fazem coroa formosos baldaquinos rendilhados.

O resto da fachada não tem ornamentos que mereçam menção, se exceptuarmos a estatua da Virgem Maria, que se acha collocada em um nicho entre as duas torres.

A gravura que acompanha este artigo, e que está exactissima, dispensa-nos de mais explicações.

(Continua) I. DE VILHENA BARBOSA.

OS COCHES REAES

Entre os preparativos que se fazem para o auspicioso consorcio del-rei, o Senhor D. Luiz I, com a serenissima princeza de Italia, a Senhora D. Maria Pia, avultam os que dizem respeito aos coches reaes.

N'esta solemnidade hão de sair no prestito real, além dos dez coches antigos, que desde o baptisado da Senhora infanta D. Antonia costumam servir nas grandes funcções da corte, mais quatro que se estão doirando e restaurando completamente. Dois são denominados *estufas*, e os outros dois dos que se chamam *berlindas*.

Alguns jornaes d'esta capital, dando esta noticia, acrescentaram que dois d'esses coches eram do tempo del-rei D. Manuel, segundo uma tradição que ha na respectiva repartição da casa real. A segunda parte da noticia é inteiramente inexacta; assim como a tradição é destituida de fundamento.

Tanto no reinado de D. Manuel, como nos tres seguintes, de D. João III, D. Sebastião, e D. Henrique, não se usou nem se viu em Portugal especie alguma de coche ou carruagem. Até á morte do cardeal rei, succedida em 31 de janeiro de 1580, todas as vezes que os nossos monarchas tinham de sair em prestito solemne pelas ruas da cidade, iam montados em cavallos, e do mesmo modo a rainha e infantes, sendo levadas de rédea por infantes, ou, na falta d'estes, pelas principaes pessoas da corte.

A primeira carruagem ou coche que appareceu em França foi no meiado do seculo XV, no tempo de Carlos VII; e mandou-a de presente Ladislau IV, rei da Hungria, á rainha Maria d'Anjou, esposa d'aquelle soberano.

Entretanto não se póde attribuir a esta epocha a introducção do uso dos coches em França. No casamento de Francisco II com Maria Stuart, rainha de Escocia, que foi celebrado em Paris no anno de 1558 com extraordinaria pompa, a joven e formosa noiva foi conduzida á cathedral de Nossa Senhora, cavalgando em soberbo palafrem. Continuou esta pratica nos dois seguintes reinados, de Carlos IX e de Henrique III, e só no immediato, de Henrique IV, que subiu ao throno no anno de 1589, é que se começou a generalisar em França o uso dos coches, sendo desde então admittidos nos prestitos reaes em todas as grandes funcções da corte. Se nos não enganâmos, a primeira vez que tal succedeu foi no casamento de Henrique IV com a rainha Maria de Medicis no anno de 1600.

Na Inglaterra principiou tambem o uso dos coches por meiado do seculo XVI. Foi a rainha Isabel, que empunhou o sceptro em 1558, a primeira pessoa que passeou de carruagem pelas ruas de Londres.

Em Hespanha foi D. Filippe II o introductor d'este uso; e quando, depois da conquista de Portugal, pela morte do cardeal rei, veiu a Lisboa em junho de 1581, para completar e dar certa legalidade á usurpação do throno portuguez, trouxe os primeiros coches que se víram n'esta capital. Os castelhanos chamavam-lhes *estufas*, e este nome se ficou dando entre nós aos que se fabricaram conforme o modelo d'aquelles.

Os duques de Bragança adoptaram immediatamente o uso dos coches e apoz elles os duques de Aveiro e os principaes fidalgos.

Do que deixâmos dito concluimos, que as *estufas* são muito mais antigas que as *berlindas*. El-rei D. João IV usou das primeiras, mas não nas grandes solemnidades, em que tivesse de ser conduzido em prestito de grande ceremonial.

No casamento de sua filha, a infanta D. Catharina, com Carlos II, rei de Inglaterra, que se effeituou no seguinte reinado, de D. Affonso VI, correndo o anno de 1666, foram a dita infanta e mais familia real, em coches, no meio de lustroso acompanhamento, desde os paços da Ribeira até á sé, onde se celebraram os desposorios, e na volta da sé até ao caes, no Terreiro do Paço, onde a augusta desposada se embarcou na galeota que a conduziu á nau em que seguiu viagem. Foi o primeiro casamento regio em que serviram os coches.

No mesmo anno appareceram de novo, por occasião do consorcio del-rei D. Affonso VI com a rainha D. Maria Francisca Isabel de Saboya. Esta princeza trouxe de França um coche, que lhe deu de presente o rei Luiz XIV, obra de muita riqueza, de muito primor em pinturas e talha doirada, e além d'isso de muito bom gosto. É este coche um dos dez que tem servido n'estes ultimos tempos nos prestitos reaes.

As estufas são uns coches mui pesados e desengraçados, guarnecidos na maior parte com pregaria grossa e doirada, e com pouca obra de talha relevada. As berlindas tem a fórma mais esbelta. Primam por todos os lados em lindas figuras e brincados ornatos de talha doirada, e em formosos paineis, devidos a eximios pintores. Os grandes vidros, que as cercam, deixam ver perfeitamente, como se fôra descoberto, todo o seu rico interior.

A nossa casa real possue uma avultada quantidade de coches antigos, mais ou menos ricos. Os mais sumptuosos pertencem ao reinado de D. João V, e foram mandados fazer para o casamento d'este soberano, e para o de seu filho, o principe D. José, depois rei.

MERCURIO

DEUS DA ELOQUENCIA, DO COMMERCIO E DOS LADRÕES

A mythologia personificou e divinisou as forças e os principaes phenomenos da natureza.

O pensamento, considerado como força em acção, como força universal, que move tudo, no ceo e na terra, que estabelece as relações e communicação entre os homens e as coisas, isto é, a harmonia, foi symbolisado no Hermes dos gregos, e no Mercurio dos latinos.

Tendo o paganismo ideado muitos deuses para tutelares do homem, qual devia ser o meio de se communicarem? A palavra, a eloquencia, o *logos*. Mercurio era a palavra, a eloquencia, o *logos*. Só elle era o mensageiro e o interprete de deus para deus, dos deuses para com os homens, e de homem para ho-

mem: por elle se correspondia o ceo com a terra. Guiava os embaixadores que iam tratar da paz ou da guerra, pondo-lhes nos labios o mel ou o fel da eloquencia. Vigiava as estradas para manter a segurança dos viajantes, e promover as communicações. O commercio que allia todos os povos da terra, e os faz participantes de quanto produz a natureza, estava sob a protecção de Mercurio.

E porque o commercio tem sido em todos os tempos propenso a enganar o comprador, a falsificar as mercadorias, e a ter dois pesos e duas medidas para roubar, Mercurio foi sempre tido pelo deus dos ladrões, não só por esta razão, mas porque o primeiro acto da sua vida foi um furto.

Os mercadores de Roma festejavam este deus a 15 de maio, com as ceremonias e oração que traz Ovidio no liv. v dos *Fastos*.

Os leitores vão admirar a versão d'esse trecho feita pelo nosso primeiro poeta, o sr. A. Feliciano de Castilho.

Ovidio invoca o proprio Mercurio:

Agora tu, de Atlante illustre neto,
bello filho, que a Pleiade mais bella
n'esses montes da Arcadia ha dado a Jove;
tu, que pões guerra ou paz a teu arbitrio
entre os numes do Olympo, entre os do Averno;
tu, que os ares alípede transcorres;
tu a quem lyra, a quem palestra prazem,
e por quem a eloquencia ao homem veiu.

A ti, a ti os padres n'estes Idos
hão dicado esse templo que fronteiro
encara o Circo: desde então sagrado
ficou sendo este dia ás tuas festas.
Os que vivem no tráfego das vendas
vão-te offertar incenso, e te supplicam
opimos lucros ao commercio outorgues.

Junto á porta Capena a fonte corre,
que se diz de Mercurio; as aguas d'ella
(voz de quem as tentou) são milagrosas.
De tunica cingida os mercadores
accorrem lá com perfumadas bilhas;
lavam-se, enchem-nas, levam-nas ás lojas;
cada um mette n'agua um laureo ramo,
e as fazendas que aguardam novos donos
vae de roda aspergindo; em seus cabellos
o orvalho de condão tambem sacode;
e co'a voz mansa, com que tece os logros,
profere esta oração:
— «Rogo me abluas
«das juras falsas que empregava d'antes;
«lava as mentiras d'hontem mesmo; ou fosses
«tu proprio o que eu chamava em testimunho,
«ou para dar mais credito ás trapaças,
«fosse Jove (pedindo-lhe em segredo
«não attendesse a tal), em summa fosse
«qualquer deus, qualquer deusa, a que eu burlasse,
«dissipado haja o vento essas patranhas;
«e d'ora ávante o mesmo indulto imploro;
«do que eu disser não façam conta os numes.
«Advenham-me por ti ganancia e gaudio,
«ó meu santo Mercurio! as minhas fallas
«dêem gosto ao comprador; e a mim tresdobro.»

Ouvindo lá dos ceos Mercurio a prece,
não se tem que não ria, e vem-lhe á idéa
quando elle proprio surripiára a Apollo
as vaccas nédias que trazia ao pasto. [1]

[1] Ovidio e Castilho. *Os Fastos*. Poema com amplos commentarios por mais de cem escriptores portuguezes contemporaneos.
Obra monumental, impressa pela academia real das sciencias de Lisboa, em 6 volumes de oitavo maximo.
Proximamente daremos noticia d'esta notavel publicação.

Agora que sabemos a razão por que este deus era invocado como patrono da eloquencia, do commercio e do roubo, saibamos-lhe tambem a vida, tal como anda escripta pelos mais apurados mythographos.

Mercurio é filho bastardo de Jupiter e Maia. Nasceu n'uma gruta do monte Cyllene, na Arcadia. As nymphas do Pheneo o receberam nos braços, e o banharam na sua triplice fonte, depois consagrada a este deus. Assim que o pozeram no berço, levantou-se e fugiu para o monte Pierio.

Que iria elle fazer mal tinha visto a luz? A primeira travessura.

Sabía Mercurio (o que é que não sabe um deus, ainda que seja de mama?) que outro deus, filho de Jupiter como elle, desterrado do Olympo, guardava gado, como qualquer pobre mortal, n'um canto da terra. Incitado pelo seu genio travêsso, aproveitou-se da occasião em que o deus-pastor estava descuidado, para lhe furtar a manada, que era de uns cem bois. Prevendo que lhe haviam de ir na pista, a sua astucia precoce lhe suggeriu um bom estratagema, que foi metter nos pés dos bois uma especie de calçado, para fingir, pelas pégadas, que levavam caminho opposto. Foi assim que os conduziu a Pylos, cidade onde havia de reinar Nestor, que viveu tres idades de homem. Ahi occultou a boiada n'uma caverna, tendo primeiro immolado duas cabeças aos deuses do Olympo, em testimunho de respeito a seu pae e a toda a corte celeste. Coseu parte da carne das victimas, e a comeu com boa gana, pregando-lhes a pelle nos rochedos circumvisinhos, voltando depois a Cyllene.

No entretanto Apollo, dando pela falta do seu rebanho, foi em procura d'elle, mas debalde percorreu toda a provincia. Regressando a Pylos, soube por uns pegureiros, que um menino tinha levado os bois adiante de si, mas ninguem vira para onde. Não era crivel, porém, que o nome do ladrão fosse occulto por muito tempo ao deus que conhecia o presente, o passado e o futuro. O filho de Latona, o reluzente Apollo, soube que fôra Mercurio, seu irmão, de cuja existencia só então houve noticia. Correu logo a Cyllene para que elle lhe restituisse os bois.

Tão rapidamente, porém, tinha sido feito este roubo, que nem a mãe nem as amas haviam dado pelo desapparecimento do menino; e muito menos podiam acreditar que uma criança de peito fosse capaz de tanta audacia e astucia. Por isso ellas, quando ouviram a queixa de Apollo, a unica resposta que lhe deram foi mostrar-lhe o menino que estava a dormir no seu berço.

Apollo, que sabía quanto póde um deus, ainda antes de engatinhar, porque elle proprio, cinco dias depois de nascer, tinha matado a formidavel serpente Python, pegou em Mercurio, levou-o ao Olympo, e perante Jupiter, pae de ambos, reclamou os seus bois. Mercurio negou diante dos deuses immortaes que tivesse feito similhante furto. Mas a final, forçado por Jupiter, acompanhou seu irmão a Pylos, onde lhe restituiu a boiada, jurando comtudo, que por outro qualquer modo a tornaria a possuir.

Logo alli se lhe deparou a occasião. Mercurio levava comsigo a lyra, instrumento que elle tinha inventado pelo seguinte modo.

Andando um dia pela praia a apanhar conchinhas, deu com o pé n'uma coisa que soou harmoniosamente. Era uma tartaruga que o sol tinha dissecado. Os tendões do animal haviam-se transformado em cordas, e produzido os sons que Mercurio sentíra debaixo dos pés. Sobresaltára-se a principio o deus menino, mas comprehendendo depois a razão d'este phenomeno, completou o que o acaso apenas indicára. Fez a lyra. Quando Apollo se ia retirando com a boiada, Mercurio desferiu da sua tartaruga sons tão melodiosos que o deus de Delos, voltando atraz, propoz-lhe trocar a manada por tão precioso instrumento.

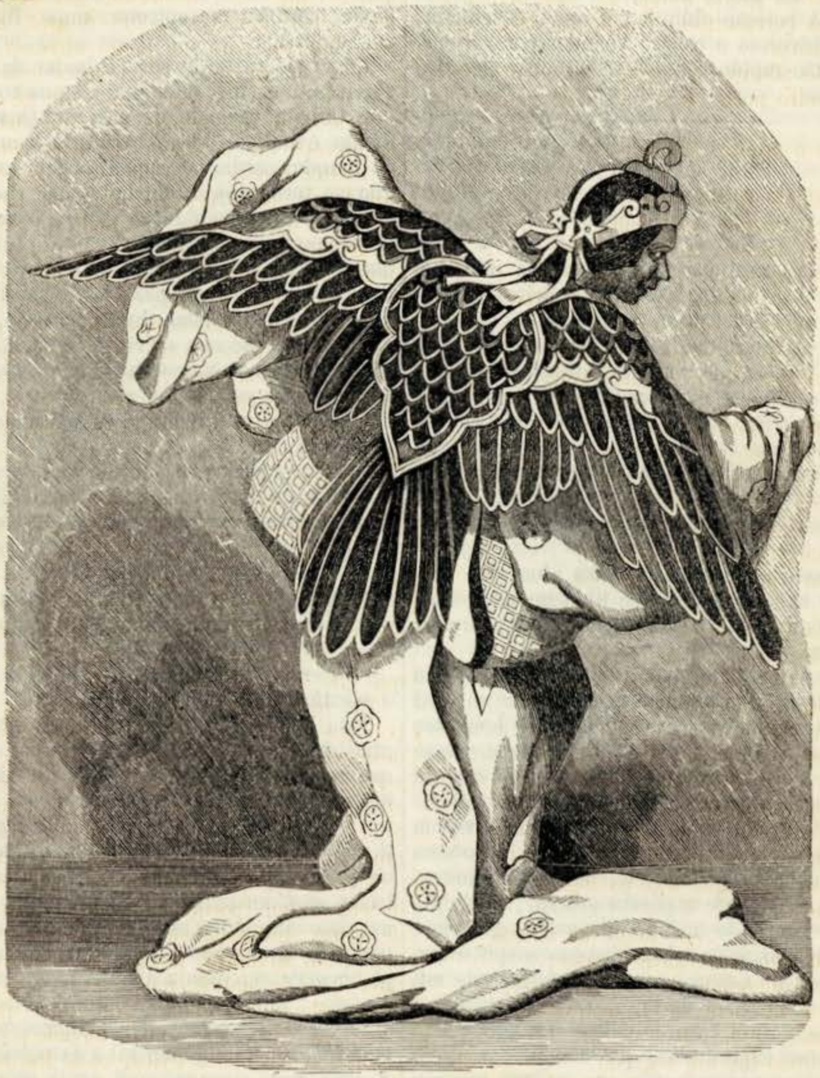
Mercurio acceitou o escambo, e eil-o possuidor dos bois que tanto desejava.

Como era muito cubiçoso, e vira nas mãos de seu irmão uma varinha de oiro, tambem lh'a quiz pilhar. Arrancou uma canna, cortou-a, furou-a, fez uma flauta, e poz-se a tocar. Apollo ficou outra vez encantado, e propoz-lhe elle mesmo a troca da flauta pela varinha. Mercurio então, fazendo-se rogado, não quiz annuir á proposta sem que elle, com a varinha, lhe revelasse o segredo de adivinhar. Apollo conveiu em ensinar a Mercurio a arte divinatoria por meio dos dados, ou antes, não ousando revelar-lhe a sciencia prophetica, deu-lhe a supremacia sobre as parcas e os animaes.

Depois d'isto, os dois irmãos fizeram as pazes, e juraram eterna amizade.

Não foi só o roubo dos bois que manifestou aos deuses do Olympo a vocação do menino Mercurio; era ainda um fedelho quando roubou o tridente a Neptuno, a espada a Marte, e o cinto a Venus!

Esta habilidade agradou tanto a Jupiter, o mais desaforado dos deuses, que elegeu o joven Mercurio para seu confidente, e mensageiro de todas as divindades. Foi a elle que Jupiter confiou a guarda da bella



Mercurio

Io, depois de a metamorphosear em novilha; e quando Juno por zelos entregou a mesma novilha á vigilancia de Argos, Mercurio encarregou-se de adormecer e matar o pastor de cem olhos. Foi elle o que por mandado de Jove trouxe de Thebas o recemnascido Baccho, e o entregou ás nymphas de Nysa. Elle o que ajudou Vulcano a pregar o infeliz Prometheu no Cáucaso; o que encadeiou Ixion á roda fatal; o que trouxe a Phryxos e a Helle o vellocino para as livrar dos golpes de Ino; o que acompanhou Perséo na expedição contra as Gorgonas; o que conduziu Priamo ao campo dos gregos, e auxiliou Ulysses nas suas entreprezas.

Serviços ainda mais relevantes lhes deviam os deuses da primeira ordem. Muito antes da guerra dos titães tinha Mercurio resuscitado a Jupiter, indo buscal-o ao antro corycinio para onde o havia arrojado Typhon. E foi elle ainda quem quebrou os ferros com que os gigantes Aloidas tinham encadeiado o proprio deus da guerra, Marte.

Tal é, em resumo, a fabulosa lenda de Mercurio.

É sabido como a mythologia grega e romana symbolisava este deus, mas a gravura que hoje reproduzimos, copia de uma estatua antiga, apenas lhe põe azas nas costas, e dá-lhe roupas talares.

A que mythologia pertencerá?

Todos os povos da antiguidade prestavam culto a este potentissimo deus. Antes de se deitar, o grego devoto lhe offerecia libações para ter sonhos agrada-

veis, dormir socegado e acordar satisfeito. Nas estradas, nas ruas, nas praças, e nas casas, por toda a parte, havia imagens de Mercurio. Celebravam-se em honra d'elles jogos publicos. Em Pharos havia uma estatua d'este deus que era consultada como oraculo. Os consulentes faziam-lhe a pergunta em voz baixa, depois tapavam os ouvidos até saírem da praça; as primeiras palavras que acaso alguem dizia era a resposta do oraculo. Muito disparate havia dar de si tal modo de consulta!

A arte plastica tem figurado Mercurio de diversas maneiras; porém, commummente, representa-o com azas na cabeça e nos pés, symbolo da rapidez com que executava as ordens de Jupiter; na mão o caducêo, na cabeça um galero alado, e a clamyde lançada aos hombros. A posição obliqua em que o desenham, significa que atravessa o espaço voando, por ser correio aéreo, e tão rapido como a telegraphia electrica dos nossos dias.

TRES CARTAS

II

(Vid. pag. 178)

Entregar-me-hia muito a miudo a certas reflexões quasi poeticas, e a uns devaneios de espirito que servem grandemente para revelar as impressões, por vezes vagas, de um escriptor, se não fosse receiar, apesar de ser do Tamisa que lhe fallo, que já esteja farto de conhecer as phrases effectivas d'estas descripções solemnes, de que por morte de alguns auctores se faz leilão, taes como:

«A Inglaterra é a primeira nação maritima do mundo...

«Uma floresta de mastros de navio se erguia na sombra...

«A lua, desencantada, melancolica, lua que prateia frouxamente as planicies de Richemond, e illumina de um tom mortal as physionomias das virgens de Albion... etc.»

Tudo isto é excellente, e a tudo isto eu poderia dar-me, se tivesse a esperança de encontrar no meu amigo Tullio um martyr privilegiado, que houvesse sentido as mesmas impressões de melancholia que se apoderaram de mim atravessando Londres ao cair da noite. As narrativas de viagem tem uns *qués* difficillimos; se um homem conta a sua historia, dividida methodicamente, e redigida em paragraphos como uma memoria da academia, dão-lhe os leitores as boas noites, por nunca ser assim que a poesia procede, e porque o facto deve entrever-se apenas nos nossos gracejos, ou então nas lagrimas da tristeza, e nos suspiros que ella nos faz soltar. Cumpre que as reflexões de um *touriste* sejam á maneira de ornatos, que accusem a nudez sem descobrir a carne; indicar o quadro; não o traçar; allusões engenhosas, que denunciem o que se quer esconder; pensamentos que se não possam firmar senão em pequeninos nadas, que a gente não diz, mas que elles mesmos deixam suppor; palavras reveladoras que atravessem como relampagos a sombra em que uma pessoa deixa os seus segredos. N'estas cartas, em que o estylo epistolar já arma á indiscrição de deixar o publico metter-lhe o dente, chega-se a ter pena, a cada momento, quando a correspondencia já vae no meio, de estar fazendo uma coisa que nem é intima e simples como uma confidencial, nem preparada como um artigo de periodico. Torna-se preciso dizer tudo, como quem não pensa em similhante coisa, pintar o que não se mostra, e mostrar o que não se pinta. Palavra de honra, que mais valêra, como Pithagoras, imprimir idéas na lua a olhar para ella! De toda a fórma, o meu amigo dê o desconto aos embaraços da minha empreza, e não exija d'estas cartas senão uns traços ligeirissimos de *côr local*, que, quanto mais confusa e indecisa, mais exacta será, tratando-se de Londres, que é de côr fusca, como sabe.

Não havendo um só quarto livre em *Sablonniere's hotel*, dirigi-me á hospedaria que lhe fica em frente, *Europe hotel*, situada tambem em Leiscester Square, e ahi, graças ao polyglotismo comprehensivel da dona da casa, madame Granara, que em cada phrase nos dá tres palavras italianas, duas francezas, duas hespanholas, e uma ingleza, ingleza, uma só; n'isto é que consiste a sua attenção, consegui estabelecer-me a razão de vinte schellings por dia (uma libra), exceptuando vinho e serviço, n'um pequeno e honesto quarto com um salãosinho á minha disposição, em que havia, para eu me entreter, uma «Historia Romana» em inglez...

Como já era tarde para o jantar da mesa redonda, serviram-me em companhia de uns conjuges italianos que tinham chegado de passear. Quando um par ridiculo é italiano, seguramente é o mais ridiculo par do mundo, porque até aquella poetica e melodiosa lingua se torna abjecta de languidez risivel. O marido, que inculcava ser figurão poderoso na sua terra, era um mono feiissimo, e pelos modos muito emprehendedor, que a mulher se obstinava em achar bonito, sem lhe deixar gozar em paz d'aquellas duas qualidades. Teve logar entre elles uma discussão, a proposito de uma criada que nos servia á mesa, ingleza muito acceitavel, e como suppunham que eu os não entendia, desafogava a esposa em accusações:

— *Carino*, esta rapariga está a olhar para ti; d'onde a conheces tu?

— É a primeira vez que a vejo, *per la Virgine!*

— Por que motivo tambem hontem, no theatro estava a Penco a voltar a cabeça para o teu lado, sempre que estava em scena?!

— Sim? Pois não dei por isso!

— Perfido! E esta manhã, ao sair do omnibus, para que levantaste do chão o leque que caíu a uma senhora?

— *Per civilitá!*

— *Ah! tutto intendo! Infame!...*

Esta discussão foi atravessada por algumas montanhas de carne, e banhada no sangue de um melodramatico *roast-beef*. Por não saber ainda que a cosinha ingleza reserva os temperos para a mesa, graças a um galheteiro copioso, com mólhos negros e vermelhos, que se nos offerece, dispensei-me de quasi todos os pratos, por não lhes achar sabor. O jantar inglez basea-se n'um peixe e n'um assado; conhece-se apenas que se está n'uma hospedaria boa ou má pelo tamanho do assado ou pelo tamanho do peixe; nos jantares de ceremonia a differença consiste em virem á mesa... muitos peixes e muitos assados! Os legumes são cosidos em agua, sem tempêro, e a salada come-se á mão, molhando em sal a extremidade das folhas! A sobremesa apparece um navio de queijo londrino, de Stilton ou de Chester, outra garrafa de cerveja, e um vendilhão de jornaes, que offerece aos estrangeiros, por cinco schellings, o livro de Victor Hugo *Napoléon le petit*, titulo por que em França é preso quem o repetir, mesmo que esteja a sonhar; e se é o dia da chegada, um creado vem entregar-nos um bilhete do hotel, para, se não sabemos a lingua, podermos ir passear... com a casa na algibeira. Nas costas do bilhete estava um *nota bene* em allemão e francez, com estas simples mas significativas palavras:

N. B. Ne vous laissez pas tromper par les cochers ni par les Interprétes. Observez, s'il vous plait.

O que significa: Não vos deixeis enganar pelos cocheiros nem pelos interpretes (perdoae, ó interpretes, que não vos conserve a letra maiuscula!). Dae-vos ao incommodo de andar sempre de pé atraz.

Guardei cautellosamente esse cartão precioso, fui para a rua, e, valendo-me da engenhosa mimica, comprei um apito na primeira loja em que tive a fortuna de os avistar. Um apito pequenino, com um gracioso pé de oiro, de fórma que possa usar-se na cadeia do relogio a titulo de berloque, para que nos roubem de uma vez... o relogio e o apito! *All right*, e viva Londres!

Ia eu andando por um lado e outro, e a tristeza das noites inglezas ia tambem commigo. Não se encontram alli caffés explendidos, nem *restaurants* illuminados brilhantemente como em Paris; alli, os *clubs* substituem os botequins, os gabinetes de leitura e os *restaurants*; o inglez á noite desapparece, concentra-se; não passeia, não lê jornaes á porta do caffé, não procura aventuras; ou fica em casa sentado gravemente, soltando algumas phrases com sobriedade, e consummindo chá, *grog*, *ale*, *porter*, aguardente, ou vae para o *club*, ou vae para o theatro; na rua não anda: na rua ninguem o vê: pela rua não passa!

Ha ainda um sitio para onde costuma ir, se não é um *gentleman* nem um homem de boa companhia; para a taberna. O inglez grosseiro passa alli a noite occupado a beber, o que é em Londres uma occupação como qualquer outra; uns detestaveis cantores de tasca, escripturados pelo dono da locanda, cantam modas nacionaes, com sua mistura de malicia, a julgar pelo effeito de hilariedade que produzem; tocam piano — piano na taberna, sim! — ou representam scenas truncadas das peças comicas dos auctores mais populares, e dialogos jocosos á maneira do seguinte:

— Sabes tu, ó amigo, por que foi Adão mais feliz que o filho?

— Pois olha, não sei!

— O gordo magarefe, é porque não tinha sogra!

— E tu, vendilhão de batata frita, conheces acaso o motivo por que Eva foi mais infeliz que a filha?

— É verdade que não conheço!

— Pois, vil negociante, é porque não tinha visinha com quem desafogasse a dizer mal do marido!

— E tu, dir-me-has, sabes por que é que o homem sem a mulher não teria conhecido a alegria?

— Explica-te melhor, meu pateta, não percebo o sentido da tua vã pergunta!

— Pois é bem simples; é porque, sem a mulher, nunca o homem haveria sabido o que são desgostos, e quem nunca teve desgostos tambem nunca soube que coisa é alegria!

Estas velharias são saudadas com gargalhadas, e regadas a capricho. Depois, ao fechar da taberna, vão aquellas vasilhas ambulantes vagar pelas ruas de má nota, bater ás portas dos *oyster-rooms*, para que lhe vendam peixe e pão, ou estirar-se no meio das praças para inquietação dos *policemens*, que tem de os levar ao collo!

Como em Londres ha inglezes para tudo, é bom que se diga, quanto antes, que ha tambem na esphera democratica muito bons homens, que, em vez de irem embriagar-se nas tabernas, ficam em casa a dormir, vão assistir alegremente nos theatros de Surrey ou da Princeza á representação de uma pantomima, funcção que agrada muito n'aquelle paiz. A pantomima consta da parodia dos acontecimentos do dia, ou de uma fabula architectada de fórma que fustigue segundo o instincto popular, os costumes, os personagens ou as instituições reprehensiveis. O scenario d'estas arlequinadas é excellente, e o corpo de baile muito soffrivel; a meu ver, porém, o melhor de tudo é o cartaz, que a proposito de cada peça nova, seja *Hanky-Panky o feiticeiro*, seja o *Duello nas nuvens*, seja o *Principe das perolas*, diz sempre — mas sempre! — o seguinte:

«A Direcção bem conhece quanto é inutil dizer que a pantomima *tal* é a melhor que se tem dado. Os proprietarios não se pouparam a despezas e fadigas, para revestir a parte historica d'esta maravilhosa pantomima, dos costumes mais incontestavelmente correctos que tem apparecido sobre o tablado. Andaram empenhadas n'isto as mais altas auctoridades... sem olhar aos gastos; e consultou-se para attingir a perfeição do todo, a archeologia, a zoologia, a phrenologia e a physiologia. Pelo que diz respeito ao sobrenatural, attendeu-se-lhe com circumspecção; as Bruxas são velhas, e as Fadas são-o quanto baste para se mostrarem de vestido curto, azas, e sorrisos de dar volta ao miolo dos jovens mortaes de Londres! As vistas foram meditadas durante um anno pelo scenographo, que, precisando *triumphar do seu triumpho do anno passado*, sacrificou o cofre da empreza, e não tratou senão de si. As tijelas das tintas eram a deitar por fóra, e os pinceis molhavam-se no arco-iris. Esta innovação obriga o emprezario a aconselhar ao publico que leve olhos de aguia, para não compromettter a vista! A parte comica offerece a particularidade de obrigar os espectadores a não irem vestidos de fazendas finas, porque a frequencia das gargalhadas lhes faria estalar as costuras! Os directores, seguros de merecerem a gratidão do publico por seus *esforços sobrehumanos* na causa da unica pantomima legitima, persuadem-se que lhes serão offerecidos loiros ás carradas, e que o cofre vae estar cheio de oiro, poupado por um publico benemerito, para ser gasto apenas em tão solemnes occasiões!»

A pantomima do theatro de Surrey é considerada superior á do theatro da Princeza, e tida em conta de ser a melhor de Londres. O theatro tira o seu nome do celebre fidalgo escriptor do seculo XVI, que foi a creatura mais tétrica e sentimental de que ha memoria, e que só por caçoada póde servir de padroeiro a uma arlequinada por aquelle feitio!

Duas palavras sobre elle, se me dá licença.

O conde de Surrey foi, na sua epocha, um *typo*, como hoje usa dizer-se; filho de um duque de Norfolk, e sobrinho de outro duque de Norfolk que foram ambos thesoureiros do estado, rico, poderoso, estimado na corte, distincto na universidade de Oxford, e poeta de boa nomeada, quem lhe havia de dizer que pregariam com elle na prisão por ter comido carne na quaresma? Pois foi o que lhe aconteceu, e o pobre moço para se consolar de um desastre d'aquelles, viu-se na necessidade de se namorar d'alguem, e apaixonou-se pela tão citada Geraldina, filha do conde de Kildar, e que elle tanto cantou nos seus versos. Como era italiana, deu-se elle tanto mais por feliz; de uma italiana qualquer poeta faz uma Laura com facilidade, ficando elle um Petracha. O nosso Surrey escreveu, por essa epocha, os descôcos mais imaginosos, que encheram a menina de satisfação. Dizia entre outras coisas, que na corte do imperador da Germania, durante o curso das suas viagens, o famoso Cornelio Agripa lhe mostrára n'um espelho magico, a bella Geraldina deitada n'um sophá, toda languida, a ler um dos seus sonetos. Pelos modos, esta bruxaria deu-lhe tanto no gôto, que assim que chegou a Florença, patria da menina, estabeleceu logo um duello como qualquer cavalleiro errante, contra quem contestasse á dama dos seus pensamentos o voto de primeira belleza. O duque de Florença, que era um principe folgasão, que tinha pouco com que se entreter, permittiu um torneio, e o conde de Surrey saíu victorioso. O que tem, porém, mais graça é que Geraldina, em vez de recompensar com a sua mão tantos versos amorosos e tanta bordoada que o fidalgo deu e levou por amor d'ella, foi dal-a tres vezes, aquella desejada mão, a tres diversos ratões, que nem faziam papel de tolo, que nem compunham versos, nem se tinham batido por ella, tudo com dições de quem ama com sinceridade. O conde ia arran-

jando com isto uma doença, e se não morreu foi por pirraça. Tirou, porém, da espada, e elle alli vae contra os escocezes, sendo mais tarde nomeado marechal de campo do exercito inglez na expedição de Boulogne, e depois governador d'esta cidade. Todavia, Henrique VIII andava a esse tempo muito escaldado do casamento, com razão ou sem ella, e, por uns ciumes que principiaram a tirar-lhe o somno, resolveu para seu socego, mandar decapitar o conde na torre de Londres, que era em casos taes a cura mais rapida para a inquietação de um real esposo!

Ora, aqui tem o meu amigo a historia do padroeiro da pantomima; porque escolheram este nome e não outro, e em que o acharam sufficientemente alegre, é o que eu não sei. Verdade é que, na historia da Inglaterra, isto deve ser tido como um dos pontos mais risonhos!

Deixemos porém a pantomima; e se não põe escrupulo n'isso, dirijamo-nos curiosamente a *Cremorn*, o famoso baile de Cremorn. Aqui tomo, emquanto vamos no caminho, o prazer de lhe apresentar este sujeito com um chapeo illuminado, aquell'outro todo mettido em quatro taboas, esse que alli vae com uma bota encarnada servindo-lhe de barrete, o outro que passa vestido de papel, etc. etc. Julga que estes individuos são homens? Não senhor; são annuncios!

Annuncios d'alfaiate, de sapateiro, de loja de modas, de boticario, de oculista, de cabelleireiro, de tudo quanto ha! Ha até annuncios a cavallo, annuncios de carruagem, annuncios com dois jockeys preciosos montados em eguas finas, de primeira pureza, para toda a gente parar nas ruas e prestar attenção.

Eis-nos em Cremorn! Ha um tom de perigo na vastidão d'estes jardins. São elles que tem perdido aquelle pallido estudante que alli atravessa; aquelle *gentleman* de trinta annos que veiu do fundo da sua provincia ha seis mezes; aquelle dissipador que alli vae sorrindo, sem pensar na familia que tem em casa; aquelle moço elegante e esbelto que agita o seu chicote com ar de quem não tem cuidados, e que ha de matar-se ámanhã! É Cremorn! É Cremorn, com os seus bosques, a sua musica tentadora, o seu theatro, os seus arlequins, as suas cascatas, os seus pavilhões, e a sua ledora de *buena-dicha*! Uma triste e ironica feiticeira, que nos atira no meio da festa o seu sorriso fatal mas provocante. Imprudentes dos que vão consultal-a, pois cortam ás vezes, n'essa noite ainda, a alegria de que poderiam gozar mais algumas horas na vida! Ella diz-lhe tudo, a cruel feiticeira, a verdade amarga, perversa, horrivel; tudo lhes diz: a um, que seu pae expirando o amaldiçôa, pela deshonra que a sua prodigalidade atirou ao nome da sua familia; a outro, que a sua amante o engana e se ri d'elle, como de uma criança ou de um idiota; a outro, que o seu melhor amigo, o seu amigo intimo, o companheiro das suas noites de alegria, de divertimento e de festa, o homem em quem elle mais acredita n'este mundo, mais que em seu irmão até, o anda roubando ao jogo! Ha phrases soltas que ella profere ás vezes, como resumindo uma sentença, que fazem estremecer de horror. Conta-se que ella dissera rindo, a um negociante de escravatura:

— Ha uma coisa mais atroz do que vender homens; é compral-os: ha uma coisa mais estupida do que dizer bem d'elles; é pensal-o! Acautella-te!

Dois annos depois este homem morria victima de uma revolta de escravos.

O baile de Cremorn é um *pandemonio* esplendido: alli o prazer agita-se, dansa, coquetêa, ri, mas não esquece: ha um fundo de preoccupação e de tristeza n'aquella loucura de cada noite. A consciencia parece prevenir as accusações que merecerá; — aviso do futuro! Mas, por um esforço ás vezes, todos fingem esquecer-se, suffocam as apprehensões que os inquietam, bebem, dansam, riem, como se nada houvesse para temer. Se o futuro falla tão baixo e tanto ao longe!

E a feiticeira olha para elles friamente, vê-os passar gloriosos e contentes n'aquella dissipação faustuosa, sem que se atrevam ás vezes a fital-a, consultando-a. Mas, se se dirigem a ella, se a interrogam, se a consultam, então as respostas da impassivel bruxa são quasi sempre admiraveis. Diz-se que uma noite, ao voltar do theatro, hora em que os lords, acompanhados... costumam entrar em Cremorn, um *gentleman* fôra de braço dado com a sua bella apresentar-se á feiticeira.

— Quem é a minha dama? — lhe perguntára, ao que parece, esse moço.

— Uma ingleza.

— Sabe-se isso. E o resto?

— Um demonio cosido na pelle de um anjo! Uma flor agreste, que gostava de alguem mais que de seu marido — de toda a gente; que gostava mais de alguem que de toda a gente — de ti; que gosta mais de alguem que de ti — de si; que gosta mais de uma coisa que de si — da sua vaidade; que gosta apenas de uma coisa mais que da sua vaidade — de chá verde misturado com chá russo!

É a este rasgo, original e excentrico, que a feiticeira deveu o principio da sua fama de adivinha espirituosa. Depois, tomando a mão da dama, principiou dizendo-lhe ao ouvido todos os segredos da sua indole, todos os perigos do seu caracter, todos os mysterios do seu destino.

As inglezas que abrilhantam Cremorn, póde e deve dizer-se que são as mais encantadoras visões que um poeta tem sonhado. Imagine as loiras imagens de Richardson, as figuras brancas e azues que nos quadros inglezes destacam sobre um fundo cinzento, ou as apparições indecisas de Ossian, o *poeta do vago*, como lhe chama Lamartine.

Alli vivem, alli reinam gloriosas e invejadas, até ao dia fatal, em que, de manhã, ao voltar do baile, descobrem no rosto a imperceptivel ruga, em que mais ninguem ainda fez reparo senão ellas, primeiro golpe da enxada da morte, que tem foice e enxada, sobre o edificio, ainda intacto, d'aquellas bellezas; e a cova vae-se tornando mais funda, até que ellas se vêem obrigadas, pobres raparigas, a enterrar n'aquella ruga as suas illusões e as suas aventuras!

Desde esse dia ninguem as encontra em Cremorn, nem se ouve mais fallar d'ellas. Tão fatal, tão irremediavelmente cruel é uma arranhadura feita pela unha do tempo! Despedem-se dos enormes caleches, em que lhes chegava a parecer estarem ao pé das nuvens. Dizem adeus ás flores, ás fazendas de gaze, aos diamantes, ás noites de baile, ás noites de festa, ás noites de amor. Já os seus olhos não parecem soes n'um ceo de cristal, nadando no fluido azul da vaidade; ninguem já faz caso do seu gentil collo, liso como um marmore grego, nem dos seus braços admiraveis, nem das suas mãos reaes, nem de toda a poesia da sua belleza do norte!

Em resumo lhe direi, meu amigo, e deixe que com isto eu termine esta carta: Londres vê-se n'uma semana, mas precisa um anno para se perceber; basta Cremorn para nos absorver por muito tempo o espirito, sem nos permittir pensarmos n'outra coisa. As mulheres fazem perdoar a Londres a sua tristeza, o seu orgulho e a sua rudez grandiosa. É que são bellas e poeticas, como uma canção á *madona* que se escute de longe a um gondoleiro, e que venha expirar languidamente no nosso ouvido, trazida nas azas da brisa nocturna! Não se descreve aquella belleza depois de Byron; ha o que quer que seja de incerto e melancolico em similhante formosura; — é o suspiro da vaga, é a respiração do mar, é a musica azul, se a idéa do som póde applicar-se á côr!

(Continúa) JULIO CESAR MACHADO.